

ÁREA TEMÁTICA:

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- () EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- () SAÚDE
- (x) TRABALHO
- () TECNOLOGIA

AS PARTES E O TODO: NOTAS SOBRE O TRABALHO AUTOGESTIONÁRIO**BRASIL, Manuela Salau¹****BOGDANOVICZ, Fabiane Kravutshke²****BRASIL, Francisco Salau³**

RESUMO – Este trabalho apresenta a realização da dinâmica do corpo humano, que consiste em cada participante de um grupo desenhar uma parte sorteada de um corpo humano sem saber que objeto os demais estão desenhando. Em seguida todas as partes desenhadas são reunidas para formar um corpo humano único, geralmente desarmônico por ter sido desenhado sem comunicação entre as partes. A dinâmica foi aplicada em um dos grupos incubados pela IESol e tem como objetivo abordar, de forma lúdica, os temas do trabalho em grupo, sua comunicação interna, o conjunto como sendo mais do que a mera soma das partes, as diferenças internas do grupo, a divisão do trabalho, entre outros. A partir da realização dessa dinâmica, foi possível discutir também sobre autogestão, metodologia de organização dos Empreendimentos de Economia Solidária. Considerando-se o grupo no qual o trabalho foi aplicado, observaram-se como resultados, além da discussão sobre os temas previstos, também uma discussão sobre gestão coletiva e sobre trabalho associativo – que, como formas negativas, pode ser individualista, hierarquizado ou com uma noção desvirtuada de horizontalidade, onde “todos são patrão” sem compromisso coletivo. Comparando-se as demais possibilidades, percebeu-se que o trabalho coletivo autogestionário é benéfico em comparação às demais formas de organização. Os objetivos iniciais foram alcançados, tratando o tema do trabalho autogestionário de maneira lúdica, ao invés de apenas teórica, facilitando sua apropriação pelos participantes.

PALAVRAS CHAVE – Dinâmica. Economia Solidária. Autogestão.

Introdução

A AFESOL (Associação de Feirantes Solidários) é um dos três grupos atualmente incubados pela IESol. Esta associação, embora recentemente constituída juridicamente, é o primeiro grupo incubado pela IESol, ainda que com outro nome e outras associadas (nenhum dos primeiros membros encontra-se atualmente no grupo).

Deve-se ressaltar que esse período de incubação foi interrompido após menos de dois anos (em 2007) e só em 2011 as atividades foram retomadas. Este primeiro ciclo encerrou-se no início de 2007, motivado pelo descumprimento do compromisso assumido pelos incubados, que era de comparecer e efetivamente fazer a formação em economia solidária.

Nos primeiros meses de 2011 uma das integrantes do empreendimento que não fazia parte daquele grupo original - tomou a iniciativa de procurar a IESol para retomar o processo de incubação. Ao final do primeiro semestre fizemos as primeiras conversas com representantes da feira, e no período de agosto a novembro foi realizada a pré-incubação, agora com o novo grupo.

Nesta segunda fase de pré-incubação foi realizado um diagnóstico que, entre outras coisas, buscou a história de vida das novas associadas, a atual situação do grupo bem como reforço de conteúdo com uma atividade sobre o que é e o que não é economia solidária. Também foi aventada a possibilidade de disponibilizar um local dentro da UEPG para a comercialização dos produtos.

A atividade de incubação iniciou-se em 2012 com seis associadas que produzem materiais de artesanato e também lanches. No início de 2013 entraram 04 novos associados.

Programa de extensão da UEPG criado em 2005, a IESol (Incubadora de empreendimentos solidários) atualmente incuba três grupos: o pré-assentamento Emiliano Zapata, a ARREP (Associação Recicladores Rei do Pet), além da associação previamente mencionada.

Um dos pontos mais importantes no trabalho da IESol é a formação em economia solidária. Para este propósito, uma das ferramentas utilizadas dentro da metodologia de incubação da IESol é a realização de dinâmicas. O presente trabalho abordará a dinâmica do corpo humano.

Objetivos

O objetivo central deste artigo é apresentar o uso de uma dinâmica realizada a um empreendimento econômico solidário, enfatizando seus bons resultados e a forma com que ele foi potencializado a partir dos conteúdos que a discussão proporcionou. A demonstração de que é possível e benéfico discutir de maneira lúdica conceitos teóricos, que poderiam ser tratados de forma hermética, é igualmente objetivo da presente comunicação.

Metodologia

A atividade foco deste trabalho ocorreu durante a reunião de incubação entre IESol e AFESOL do dia 26 de novembro de 2012. Estavam presentes seis membros da associação além de cinco representantes da IESol. A atividade deu-se da seguinte forma: foram escritas diversas partes do corpo humano (como perna direita, perna esquerda, cabeça, barriga, etc.) em papéis para sortear, na mesma quantidade de pessoas que participaram da dinâmica. Nas instruções ao grupo, é esclarecido que devem desenhar o "objeto" que sortear, sem explicar do que se trata.

Ninguém deve contar para os demais o objeto que pegou, e todos devem desenhar conforme acharem melhor. Quando todos concluem, juntam-se os papéis em uma mesa, para que todos possam ver se têm algo em comum e o que é possível formar com a soma das partes. Abaixo, a figura 01 mostra alguns associados montando a figura e a seguir a figura 02 ilustra a imagem final após esta última etapa.

Figura 1: Dinâmica do corpo humano

Participantes montando a figura do corpo humano
Fonte: Autores

Figura 2: Resultado final

Imagem completa do corpo humano formado pelos membros da AFESOL
Fonte: Autores

Como pode ser observado na figura 02, o resultado final foi desconexo, pois sem a comunicação não é possível combinar o tamanho harmônico das partes, nem seu posicionamento no papel, entre outros detalhes. A partir disso, abre-se um debate com o grupo com as observações sobre o resultado, incluindo temas como comunicação, trabalho em grupo, união das partes apesar de suas diferenças.

Resultados

Os objetivos da dinâmica foram atingidos através da percepção de que o trabalho em grupo fica favorecido quando todos os membros conversam entre si e vislumbram o objetivo geral, o todo, não apenas suas tarefas isoladas. Também pode-se perceber a partir dessa dinâmica que as partes

do corpo são todas diferentes, realizando funções diferentes, idiossincraticamente, mas unem-se em um objetivo comum, trabalhando em conjunto, sem passar por cima de suas diferenças individuais. Portanto, a dinâmica proporcionou visualizar o quanto um trabalho autogestionário é dependente de uma comunicação qualificada, de decisões tomadas em conjunto.

No entanto, a aplicação da dinâmica extrapolou seu propósito inicial, que era o de demonstrar como a falta de comunicação em um grupo inviabiliza a consecução de um trabalho coletivo. Para além deste resultado principal, esta mesma dinâmica desencadeou ao menos duas importantes discussões.

Um primeiro aspecto diz respeito à possibilidade de diferenciar os trabalhos de gestão e produção de um empreendimento econômico solidário, em que se espera que sejam todos realizados de forma autogestionária. Esta questão ganha relevância para este empreendimento que é formado por trabalhadores que partem de uma tradição de produção – e por suposto também de decisão – individual, mas que experimentam as decisões compartilhadas desde que se uniram em forma de associação. A compreensão de que a gestão, mais que a produção, deve ser necessariamente coletiva, foi uma das discussões que puderam ser ilustradas a partir da aludida dinâmica. Este elemento foi aproveitado para explorar um segundo aspecto, qual seja, as distintas formas de trabalho.

Este desdobramento ocorreu em um segundo encontro, quando foi exposta a figura do corpo humano desconfigurado, reforçando seu significado e as conclusões a favor do trabalho coletivo. A partir de então se lançou a seguinte pergunta ao grupo: quais as possibilidades do corpo ter sido desenhado de forma harmônica?

Além da opção preferencial pela tomada das decisões em conjunto, em que o desenho final seria resultado de uma configuração definida coletivamente, foram apontadas – nas intervenções do grupo e da equipe da IESol – outras possibilidades. A primeira resposta do grupo diz respeito ao trabalho individual. Neste caso não haveria apenas um corpo humano, mas o mesmo número correspondente a quantidade de pessoas, uma vez que cada uma delas seria a única responsável pelo desenho final. Tanto a concepção quanto a execução estariam a cargo de um mesmo trabalhador, que sem relação com outros, desenvolveria todas as etapas de seu trabalho de forma isolada, ou seja, sem a relação com outros trabalhadores. Foram questionadas as vantagens e desvantagens desta opção, evidenciando-se como ela não se coaduna com o trabalho associativo.

Uma segunda forma de ter-se uma figura harmônica é ela resultar de um trabalho concebido por um chefe que detalha e ordena o que cada um dos demais integrantes deve fazer. Sem dúvida é um método eficaz do ponto de vista da consecução de um resultado final, ao mesmo tempo em que mostra a perversidade do ponto de vista do trabalho. É a tradução do chefe autoritário que decide e comunica as tarefas de cada um, num trabalho em que não há qualquer nível de participação do trabalhador no processo criativo e decisório. Ao trabalhador manual cabe apenas obedecer e materializar as especificações que lhe foram conferidas, muitas vezes sem ter compreensão do que está desenvolvendo.

É o trabalho alienado, onde aquele que fabrica apenas a perna esquerda, para ficarmos no exemplo proposto, pode fazê-lo por vários anos sem nunca ter conhecimento do produto final. Mais uma vez esta comparação serviu para debatermos as características desta forma de trabalho, e o quanto ele se afasta do que é proposto pela economia solidária.

Uma terceira possibilidade é aquela na qual a autogestão é confundida com falta de organização e compromisso coletivo. A noção de que “todos são patrões” de um mesmo empreendimento é desvirtuada para a falsa noção de que “cada um é patrão” e por isso apto a tomar decisões sozinhos. No caso em questão, a figura do corpo humano poderia ficar ainda mais desproporcional, uma vez que cada um decidiria e executaria uma parte do corpo sem consulta aos pares e sem orientação ou ordem de alguém. Poderíamos ter, por exemplo, uma figura composta por várias pernas esquerdas ou direitas, sem que outras partes fossem desenhadas. Com esta comparação foi possível demonstrar, por outra perspectiva, os problemas que podem decorrer da falta de discussões e acordos dentro de um empreendimento.

Conclusões

O trabalho coletivo é um desafio, e esta dinâmica permitiu que alguns deles fossem evidenciados. Mais que isso, proporcionou a visualização de seus benefícios, em especial quando comparado aos demais tipos de trabalho. Estes desdobramentos que superaram seu objetivo inicial foram decorrência da forma como a dinâmica foi bem recebida e compreendida pelo grupo, aliado a coincidência do assunto abordado figurar como essencial para a economia solidária. Desta forma

valorizou-se o tema do trabalho autogestionário, tratado de maneira lúdica ao invés de apenas teórica, facilitando sua apropriação pelos participantes.

Pode-se concluir, desta maneira, que além dos bons resultados advindos de seu objetivo primordial, a dinâmica resultou em ganhos colaterais positivos - a diferenciação entre gestão e produção coletiva e entre os diferentes tipos de trabalho - sempre reforçando a superioridade da autogestão, sem deixar de mostrá-la não como ideal, mas como um desafiador e compensador exercício.

Referencias

CATTANI, A. D. ; LAVILLE, J.-L. GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Coord.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009

OLIVEIRA, P. S. **Cultura solidária em cooperativas**: projetos coletivos de mudança de vida. São Paulo: Edusp, 2006.

SINGER, P. ; SOUZA, A. R. (Org.). **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo, 2000.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, A. R.; CUNHA, G. C.; DAKAZAKU, R.Y. (Org.). **Uma outra economia é possível**: Paul Singer e a economia solidária. São Paulo: Contexto, 2003.